

# Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

## As sociedades da exclusão [Exclusion societies]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Desai, Ashwin, Prof.
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-11 06:23:01
Link to Item	<a href="http://hdl.handle.net/20.500.12424/163418">http://hdl.handle.net/20.500.12424/163418</a>

*atual governo”, aqui na Unisinos, na próxima quinta-feira, certamente ajudará na compreensão dos desafios do momento político brasileiro, hoje.*

*Desejamos a todos e todas uma ótima semana, um feliz e merecido feriado e uma boa leitura!*

## AS SOCIEDADES DA EXCLUSÃO

*Reproduzimos a entrevista com Ashwin Desai, publicada no jornal Il Manifesto, em 13 de setembro de 2003. Desai é professor na Workers' College em Durban, na África do Sul, é colunista de jornais e atua em diversos movimentos sociais no seu País. Ele é autor do livro **We are the Poors** (Nós somos os pobres). Nova Iorque: Monthly Review Press, 2002. Por ocasião do lançamento do livro em italiano, ele concedeu em Roma, a entrevista a seguir. Agradecemos aos colegas do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores – CEPAT-, de Curitiba, a tradução da entrevista. Os subtítulos são nossos.*

Ashwin Desai é um jovem pesquisador sul-africano de origem indiana que faz de tudo, com sucesso, e quando escreve sobre movimentos sociais, globalização econômica e pobreza não pretende botar banca. Mesmo sendo professor no Worker's College de Durban, seu depoimento e suas análises são fruto da experiência pessoal como ativista. Ele acredita que a reflexão sobre a situação do mundo caminha lado a lado com a participação direta dos movimentos que surgem e se desenvolvem com o objetivo de modificar esse estado de coisas. É, portanto, um espírito “militante” que se manifesta de maneira evidente em seu livro **Nós somos os pobres**, traduzido recentemente na Itália pela Editora Derive Approdi, com uma introdução de Naomi Klein e Franco Barchiesi, jovem pesquisador italiano que viveu oito anos na África do Sul, participando das mobilizações que tiveram a periferia de Durban como protagonista. São 186 páginas, lidas de um só fôlego, que contam as alternativas do operário demitido da noite para o dia, após vinte anos de trabalho duro numa fábrica têxtil, reestruturada por não ser mais competitiva segundo os parâmetros do Fundo Monetário Internacional, ou narram as dificuldades de uma mulher obrigada a lavar a roupa branca dos “senhores” mais de vinte horas por dia e despejada por não pagar o aluguel. “A pobreza”, afirma Desai, “não é um acidente de percurso, mas uma condição estrutural do neoliberalismo.” E continua: “Engana-se quem considera os pobres como um fenômeno numericamente em expansão, mas politicamente irrelevante. Se queremos uma transformação da sociedade, temos de partir daqueles que são colocados à margem da sociedade. Suas lutas são as de quem quer transformar o mundo.”

Desai esteve na Itália para apresentar o livro – primeiro em Bolonha e depois em Roma -, e mostrou muita curiosidade e interesse pelo que acontecia no país. Estava muito bem informado sobre as iniciativas de “Mr. Berlusconi” e considerava que mereciam reflexão, pois “talvez apontassem o futuro da democracia e o seu retrocesso num regime autoritário, embora dissimulado”.

### ‘Global apartheid’

**Il Manifesto-** Em seu livro você escreve sobre “global apartheid”. O que entende precisamente por essa expressão?

**Desai-** O termo *apartheid* traz à mente a África do Sul e as lutas do Congresso Nacional Africano contra o regime branco de Pretória. Desde então, muitas coisas mudaram em meu país. Podemos dizer que a segregação racial acabou formalmente. Mas, se partimos das

condições de vida de milhões de homens e mulheres que vivem nas periferias sul-africanas, verificamos que a segregação e a marginalidade social são elementos constitutivos dessa sociedade. A divisão não é mais, pelo menos formalmente, entre brancos e negros, em que os primeiros têm tudo e os outros nada, mas entre ricos e pobres sem distinção de raça. O que aconteceu no meu país também ocorreu em outras partes do mundo. Nas economias neoliberais, a existência de milhões de pessoas que vivem segregadas em guetos ou nas periferias não causa escândalo. Quando falo em *apartheid* global refiro-me, portanto, aos excluídos que devem continuar a sê-lo até que o desenvolvimento econômico fique garantido. Pode parecer um absurdo, mas as decisões de organismos internacionais como o Fundo Monetário Internacional, o Banco Mundial e a Organização Mundial do Comércio não levam em conta a pobreza e subentendem que contra ela não existe muita coisa a fazer senão esperar que algumas migalhas do bolo cheguem aos pobres. No passado, os críticos do modelo neoliberal destacaram muitas vezes que o mundo estava dividido entre o Norte rico e o Sul pobre. Mas não podemos esquecer a existência de elites locais que garantem a aplicação das políticas neoliberais decididas em nível global. O *apartheid* assumiu uma conotação social e atinge grande parte dos países do mundo.

***II Manifesto-* O movimento de crítica à globalização econômica sempre defendeu que sua luta era a favor da vida e que a Organização Mundial do Comércio, o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional expressam uma cultura de morte. Porém, em Cancún, um ativista da Coreia do Sul fez um protesto radical, imolando-se. Não acha que é uma contradição dramática, de uma luta pela vida que chega ao extremo de sacrificar a própria vida?**

**Desai-** Mais do que uma contradição, esse gesto extremo é um sinal da situação do mundo. Simbolicamente, é um gesto que revela as consequências de uma política de morte. Depois de Seattle, os movimentos sociais se questionaram muito sobre as formas de luta, sobre o limite entre a vida e a morte. É bom que se tenha discutido e se continue a discutir esses temas, pois palavras como vida, morte e desobediência ou expressões como ação direta ou “tática do *black bloc*” não são palavras ou expressões vazias, mas designam problemas importantes, vitais no crescimento dos movimentos sociais e na possível mudança das sociedades onde vivemos. Fiquei chocado e senti dor com a morte do ativista de Cancún, porém achei estranho o seu gesto.

### **O Congresso Nacional Africano, partido de Mandela, mudou**

***II Manifesto-* A África do Sul, de Nelson Mandela, foi considerada um país importante na batalha contra as patentes impostas aos medicamentos de tratamento da Aids. Em Cancún, quase não se mencionou mais essa iniciativa importante que levou o país ao tribunal contra as multinacionais farmacêuticas. O que aconteceu depois daquela decisão até hoje?**

**Desai-** É um ponto importante para entender como a África do Sul e o mundo mudaram nos últimos anos. Os homens e as mulheres que apoiaram a luta contra o *apartheid* nem sempre entendem por que os movimentos sociais do meu país são tão críticos em relação ao governo do Congresso Nacional Africano. Muitas vezes, são ativistas contra a globalização neoliberal e participaram das mobilizações de Seattle, Gênova e Washington, mas, quando se encontram diante de um ativista sul-africano, vivem uma verdadeira contradição: por um lado, são solidários com ele, mas não acreditam que o partido que conduziu a luta contra o *apartheid* seja o principal responsável pela implantação de políticas neoliberais. Porém, foi o próprio Congresso Nacional Africano que propôs, no parlamento, leis sobre as patentes não muito

diferentes das que a Organização Mundial do Comércio defende sobre a propriedade intelectual. Não devemos esquecer que alguns líderes da luta contra o *apartheid* foram ou tornaram-se funcionários do Banco Mundial, como Mamphela Ramphele, que foi a companheira de Steve Biko, ou do Fundo Monetário Internacional, como Trevor Manuel, atual Ministro Sul-africano da Economia.

### **As lutas se deslocaram da fábrica para a sociedade**

***II Manifesto-*** Como foi o sucesso das mobilizações sobre as quais você escreve?

**Desai-** Obtivemos vitórias, mas ainda falta muito a ser feito. Vários analistas consideravam as lutas pela moradia ou contra a pobreza como episódios efêmeros destinados a desaparecer logo. Isso não aconteceu. No início, eram mobilizações locais, circunscritas, que envolveram quase somente as comunidades das periferias em Durban, Joanesburgo e Pretória. Mas depois, alguns ativistas começaram a construir uma rede, para apoiar-se e fortalecer-se uns nos outros. Podemos dizer que agora os movimentos sociais sul-africanos transformaram-se numa presença importante em nível nacional. Sem esquecer as ligações e as relações estabelecidas em nível internacional. Como em muitos outros países, também na África do Sul grande parte dos ativistas e dos intelectuais considerava que as transformações sociais tinham como motor o sindicato ou a classe operária. Porém, era uma leitura estática da realidade sul-africana. Também entre nós, o livre comércio trouxe desemprego, fechamento de fábricas e aumento da pobreza. Assim, toda a literatura sobre a realidade social da África do Sul ficou obsoleta. Por um lado, o sindicato sul-africano administra a aplicação das políticas neoliberais, enquanto o trabalho assalariado tradicional inclui um percentual mínimo da população. Mas, enquanto isso acontecia, cresceram as batalhas das comunidades locais pelo direito à moradia, à saúde, à escola, contra as privatizações. Lembro apenas alguns dados. Existem cidades e regiões da África do Sul onde os pobres representam 60 a 70 por cento da população; muitas fábricas fecharam, engrossando o número de desempregados; o *welfare state made in* África do Sul foi praticamente desmantelado; os sindicatos operários executam, muitas vezes, políticas corporativistas, esperando que, assim, conseguirão livrar-se da tormenta neoliberal. Em outras palavras, estamos diante de uma realidade que nem sempre se consegue entender usando os modelos antigos de análise. É só tomar como exemplo as mobilizações sobre as quais escrevo. Reivindicamos o direito à moradia, quase sempre de propriedade do município, e por isso nos recusamos a pagar o aluguel, sempre que é aumentado; ou quando somos despejados; pedimos uma renda mínima para todos, trabalhadores ou desempregados, homens ou mulheres, sem qualquer distinção. Quando as instituições locais ou o governo central se recusam a atender as solicitações, colocamos em prática formas de troca não monetária ou de produção de alguns serviços em forma de autogestão. Além disso, quando o poder político cortava a luz ou a água, ativistas com as aptidões necessárias entravam em ação e religavam a água ou a eletricidade. Usando uma linguagem européia, podemos dizer que as lutas se deslocaram da fábrica para a sociedade, a comunidade. Estamos diante de uma situação inédita em relação à antiga cultura do movimento operário. Quando escrevo que os procedimentos que o movimento operário usa nem sempre ajudam a entender o que aconteceu, refiro-me principalmente ao modelo político de transformação social que é levado adiante pelo movimento operário ou pela esquerda política.

### **Os movimentos sociais e a ação direta**

***II Manifesto-*** Em um capítulo de “Nós somos os pobres” você conta como os moradores de uma favela alugaram carros de luxo para ir à casa do vice-prefeito e a cercaram. Pode-se dizer que, simbolicamente, os movimentos sociais querem falar a todo o mundo?

**Desai-** No início dos anos 1990, os movimentos sociais sempre afirmaram que era preciso negociar com as instituições. Apresentavam as reivindicações, abriam o confronto com o governo e depois era possível achar uma mediação ou firmar compromissos. Porém, há alguns anos, o caminho escolhido é o da ação direta que mencionei antes.

***II Manifesto- Que relação pode haver entre a ação direta e o núcleo do poder, para transformar as relações sociais na sociedade?***

**Desai-** Não existe uma receita pronta. No passado, nos movimentos de libertação nacional, e também no movimento operário, o esquema era simples. Tomava-se o poder e depois se mudavam as coisas. Estou convencido de que o caminho deve ser outro: a transformação não pode ser adiada para um segundo momento. Os movimentos sociais devem experimentar, desde já, novas formas de vida e novos modos de produzir a riqueza. No meu país, alguns expoentes do Congresso Nacional Africano rebatiam nossas críticas afirmando que tudo acontecia, porque a África do Sul era uma democracia jovem e, com o tempo, algumas coisas não sucederiam mais. Basicamente, pediam que tivéssemos paciência. Ficamos surpresos com as declarações do Primeiro-Ministro italiano, Silvio Berlusconi, sobre o fascismo e Mussolini. Não só porque reabilita Mussolini, mas porque estamos assistindo ao surgimento de um autoritarismo dissimulado. Portanto, o problema não é se a democracia é jovem ou madura. O problema são os riscos sempre presentes de um retrocesso autoritário.

**O estado-nação como obstáculo**

***II Manifesto- Ninguém pede receitas. Então é o nó do poder que deve ser desatado...***

**Desai-** Concordo, mas não podemos esquecer que, durante muitos anos, alguns sentavam-se à mesa e elaboravam planos sobre como mudar o mundo. Dou um exemplo que animou o debate nos movimentos sociais da África do Sul e se refere ao papel dos movimentos de libertação nacional e do estado-nação. Estou obviamente convencido de que os movimentos de libertação tiveram um papel importante, mas também tenho a convicção de que nem tudo se esgota com a conquista do poder. Por exemplo, considero que o estado-nação é, muitas vezes, um obstáculo para a afirmação de alguns direitos universais. Então, o problema não é a conquista do poder, como se o estado fosse um instrumento neutro e fosse suficiente mudar quem o dirige a fim de que tudo esteja resolvido. É fundamental que surjam e se desenvolvam formas de contrapoder e que os líderes ou porta-vozes dos movimentos sociais correspondam em seus comportamentos aos próprios movimentos sociais. Podemos falar num controle de baixo e na formação de instituições não estatais que correspondam a lógicas diferentes das neoliberais. No próximo mês de outubro, será realizado um encontro nacional dos movimentos sociais. Na ordem do dia, entre muitos outros, está o tema das próximas eleições nacionais. Alguns defendem que os movimentos sociais devem fundar o seu próprio partido e ter representação política no parlamento e outros consideram que esta não é a melhor solução. O debate está aberto. Quando conversei com ativistas europeus, ouço, muitas vezes, expressões como “estou organizando os migrantes”, “estou trabalhando com os desempregados”. Essas expressões me surpreendem, pois parece que os migrantes ou os desempregados devem ser organizados de fora. Obviamente, um movimento social não surge do nada, mas não se pode pensar que deve ser construído por uma força externa sem o envolvimento direto dos sem-teto, dos desempregados, dos trabalhadores e assim por diante. No passado, era normal encontrar militantes que liam a realidade com base em categorias bem definidas. Liam Louis Althusser, Nicolas Poulantzas ou Karl Polanyi e explicavam a realidade com base nos conflitos entre setores do capital ou com base nos conflitos que opunham as instituições políticas, como expressão direta deste ou daquele setor do capital, à sociedade. Eram militantes cultos, que

estudaram nas universidades, mas que, muitas vezes, não conseguiam entender o que acontecia na sociedade e ficavam surpresos, e até aborrecidos, quando um fato os desmentia. Os recentes movimentos sociais não funcionam assim. É difícil pensar numa mobilização que não tenha sido discutida amplamente por aqueles que devem levá-la adiante. Uma das novidades dos últimos anos é que “o que fazer” é decidido coletivamente e não numa sala de aula na universidade ou por uma vanguarda separada do resto da sociedade.

**II Manifesto- Depois da publicação do livro, você se reencontrou com as pessoas de que ele fala? Algumas histórias são dramáticas não só por causa das experiências vividas pelos protagonistas, mas também porque descrevem, em alguns casos, experiências de pessoas com um futuro sem esperança. Como elas reagiram ao ler o livro?**

**Desai-** Sim, encontrei-me com elas. Ou melhor, posso dizer que vivo junto com muitas delas, pois moramos nos mesmos lugares. O livro deu muita força a elas, fizeram-se xerox, muitas leituras públicas foram organizadas. O movimento tem um espírito alegre, as pessoas se encontraram, discutiram e se identificaram com o livro. Os meios de comunicação também “descobriram” que, por trás dos dados estatísticos, existem pessoas de carne e osso, que cultivam, com raiva e amor, a esperança de um futuro melhor e vivem com dignidade extrema os dramas que as afligem no dia-a-dia. O meu livro é mais um entre muitos outros depoimentos que denunciam as condições de vida a que milhões de homens e mulheres estão condenados a viver.

## “O PONTO DE PARTIDA É DEFINIR O NOVO PROJETO NACIONAL”

### Entrevista com Plínio de Arruda Sampaio Jr.

*Plínio de Arruda Sampaio Jr. é professor do Instituto de Economia da Universidade de Campinas (Unicamp), co-editor do **Correio da Cidadania** e membro dos conselhos editoriais da **Revista dos Sem-Terra** e do jornal **Brasil de Fato**. Também integra o Diretório Nacional do PT. É autor do livro **Entre a Nação e a Barbárie** (Vozes, 1999), no qual sustenta que, ao manter-se em uma posição de dependência em relação aos países centrais, o Brasil não se construirá como nação, caminhando para uma situação de crise social e de barbárie. Confira a seguir a entrevista que Plínio de Arruda Sampaio Jr. concedeu a **IHU On-Line**.*

**IHU On-Line – No artigo que o Sr. Escreveu para a revista *Reportagem*, (publicado na edição de setembro, intitulado *Desenvolvimento não é apenas crescimento*), o Sr. afirmou que o problema do desenvolvimento não é técnico, mas político. Que medidas o governo poderia tomar que expressassem essa vontade política e enfrentassem os obstáculos técnicos?**

**Plínio Sampaio Jr.–** Os obstáculos técnicos que temos hoje são, de maneira emblemática, a dívida externa e a dívida interna. É esta dinâmica de funcionamento da economia brasileira em função dos pagamentos dos serviços dessas dívidas, que amarra a economia brasileira. Para poder desobstruir o caminho para o crescimento e para o desenvolvimento temos que enfrentar os interesses externos e internos que sustentam essas dívidas. Teríamos que redefinir a nossa relação com a comunidade financeira internacional, redefinir a relação com os grandes rentistas do país. Esse seria o nó górdio que deveria ser rompido a fim de abirmos horizontes para a economia brasileira.

**O que não queremos? O que queremos?**

**IHU On-Line –** Feito isso, como se desenharia o desenvolvimento que o Sr. Defende?